

## FOUCAULT E LACAN: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS

Maurício Eugênio MALISKA\*

*ABSTRACT: This paper has the intent to promote possible articulations between Foucault and Lacan. It reflects over theoretical points that permeate the works of both of these two authors. They both lived during the same period of time and place, shared intellectual movements such as structuralism. In these two authors we find the development of similar themes such as: language, discourse and sexuality, which in some points seem to converge and in others, differ. There are statements that may applied to both, such as: It is the language that constitutes the subject”, which at first sight seems to point to the same direction, but at the last minute say different things, once the concepts of language and subject are not exactly the same in the two authors. Sexuality also presents differing points, once Lacan treats sexuality within the Freudian tradition as organizer of the structuring of the subject, while Foucault focus it under a historical or genealogic conception, identifying and discussing the discourses about sexuality that constitute its history within the Western thought. In face of this, this paper tries to investigate theoretical points that we can articulate between Foucault and Lacan, demonstrating, when possible, their convergences and differences.*

*KEYWORDS: Foucault; Lacan; articulations.*

Este texto é uma reflexão acerca de possíveis articulações entre Foucault e Lacan, mais exatamente, ele tenta, ainda que de maneira ousada e sem ter a segurança para tal ousadia, cotejar possibilidades e limites dessa relação. Foucault e Lacan habitaram um mesmo *Ortgeist* e *Zeitgeist*, ou seja, conviveram na Paris dos fervorosos debates intelectuais dos anos 60 e 70. Embora houvesse uma diferença de 25 anos na idade dos dois autores, ambos estão situados numa mesma época e permeados por um discurso herança do estruturalismo francês. Estruturalismo esse que iniciou com Saussure (2002) e que encontrou eco em diversos teóricos franceses como Claude Lèvi-Strauss e aqueles das décadas do pós-guerra, entre eles, Rolan Barthes, Georges Bataille, Émile Benveniste, Roman Jakobson, Louis Althusser, Jacques Derrida e, também, Jacques Lacan e Michel Foucault, embora esses dois últimos tenham categoricamente afirmado não se considerarem estruturalistas. A concepção estruturalista fundamentalmente pairava sobre debates que mantinham em seu horizonte a estrutura da linguagem, uma estrutura marcada pela pura diferença e pela relatividade dos termos que a compõe. Esta diferença e relatividade constituem e tecem a própria linguagem e seus efeitos. Na esteira dessa leitura inovadora, os estruturalistas, cada um com seus objetos de estudos e campos de saber, promoveram teorizações que fomentavam, tal como Saussure havia feito com a linguagem, formulações igualmente estruturalista sobre o sujeito, o discurso, a sociedade, as culturas, a literatura e a sexualidade.

Em especial, a escrita deste texto conduziu-me ao *Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas*, ocorrido em 2004, na Universidade Federal de Santa Catarina. Naquele momento eu estava assistindo a apresentação de um Grupo de Trabalho, em que um dos participantes fez uma observação que tento agora trazer à tona, sem me ater a recuperar exatamente suas palavras. Disse esse participante: “[...] o sujeito é constituído pela linguagem e isso é assim tanto para Lacan quanto para Foucault”. Este enunciado, “o sujeito é constituído pela linguagem” é realmente válido para os dois autores, mas será que ambos dizem a mesma coisa sobre isso? Lacan (1998), por exemplo, quando alude que o sujeito é

---

\* Doutor; Universidade do Sul de Santa Catarina.

constituído pela linguagem, desdobra este enunciado em seus registros da experiência do inconsciente, ou seja, desdobra no imaginário, simbólico e real do nó borromeo. No plano imaginário da linguagem, o sujeito se constitui enquanto alguém que fala e que há alguma intencionalidade nesse falante. Sobre este sujeito lhe é depositado alguns significantes, estes significantes advém do Outro, este tesouro dos significantes e que cai sobre o sujeito, onde ele é falado para poder falar, e aqui já estamos na ordem simbólica da linguagem. Quando Lacan evoca tal enunciado também contempla o real da linguagem, em que esta linguagem que constitui o sujeito também é *lalangue*, a chamada *lalangue maternelle*, em que o que está em jogo não é o discurso do grande Outro, mas o real da *lalangue* (LACAN, 1971); o conjunto fonemático dos sons da voz e do canto materno. O que está em cena é a voz do canto da mãe que imprime traços no sujeito, esses traços forjam uma espécie de *tatuagem vocal*, para utilizar a expressão de Michel de Certeau (1980). Essa *tatuagem vocal* inscreve a linguagem no sujeito e o constitui, não pelos significantes ou pelas palavras e seus sentidos, mas pelo puro som, pelo real da voz de uma lalação, este real que faz buraco, que provoca um vazio da *ex-sistência* do sujeito.

Quanto a Foucault (2006), até onde me autorizo a dizer algumas palavras sobre este autor, quando coloca que o sujeito é constituído pela linguagem, está expondo que a linguagem, enquanto ordem do discurso, enquanto cadeia de enunciação de uma determinada discursividade, instaura, no sujeito, certo discurso que o constitui. O sujeito é constituído pela linguagem, que enquanto discursividade, mais do que materialidade ou literalidade linguística, constitui o sujeito. O sujeito se realiza na linguagem da qual o discurso é seu operador.

Dessa forma, a possível relação da linguagem com o sujeito assume formas diferentes em Lacan e Foucault e não se trata de uma homogeneidade entre os dois autores. É bem verdade que se pode colocar esses autores a dialogarem, no entanto, esse diálogo deve se pautar nas possibilidades e limites.

Outro ponto de destaque, para além da linguagem, pode ser a noção de sujeito, pois em Lacan, sujeito remete ao assujeitamento ao inconsciente, condição de todo falante. É verdade que Lacan (1988, p. 126) concebe que “o inconsciente é o discurso do Outro” e entende o Outro como lugar simbólico da linguagem, lugar do tesouro dos significantes que constituem o sujeito. Esse Outro não é alguém, nem mesmo uma outra pessoa, mas remete a algo no sujeito que o constitui, que vem do outro; e é o lugar onde o sujeito pode se realizar enquanto tal. Lacan (1998, p. 528) se pergunta: “Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita?” Tomar o Outro como o lugar da inscrição simbólica remete ao inconsciente que se constitui neste Outro. Deparamo-nos, então, com outro aforismo lacaniano que vem na mesma articulação que os anteriores: *O inconsciente é estruturado como uma linguagem*, o que não remete simplesmente a uma homologia entre inconsciente e linguagem, mas que o inconsciente tem a estrutura de uma linguagem, o que não vem a ser a estrutura da linguagem, mas de uma linguagem, algo que Lacan (2005) pontua que essa *uma linguagem* não é qualquer linguagem, mas *lalangue*, essa língua singular inscrita pelos sons fonemáticos da mãe e que não tem a ver com o idioma. Voltando a questão do sujeito subordinado ao inconsciente, podemos entender o inconsciente como a ordem dos significantes, mas não somente, pois o inconsciente não é apenas simbólico, mas imaginário e real. Diante desse sujeito sujeitado a ordem languageira, podemos definir que é aquele que é afetado pelos significantes do Outro, aquele que está subordinado as insígnias do inconsciente. O sujeito da psicanálise é o sujeito da dúvida, da incerteza, do questionamento, é um sujeito em falta, castrado em seu gozo, sujeito dividido, que mostra nesta divisão o corte, secção do seu ser, e não o indivisível do indivíduo, não a unidade unissonante do individual. O sujeito mostra que

não é único, não é uma unidade, mas um ser dividido. Essa é a castração do ser que faz com que ele seja bífido.

Foucault (2006) se debruça incansavelmente sobre a questão do sujeito, em especial, na obra *A hermenêutica do sujeito*, pode-se constatar que a visão foucaultiana do sujeito não é nada ingênua e nem mesmo se opõe à visão psicanalítica, mas possui diferenças, uma delas é a noção de inconsciente que não está presente em Foucault, assim como a noção de um ser dividido e castrado, efeito de uma operação simbólica de separação que faz com que algo do sujeito se perca. Para Foucault, o termo sujeito expressa o assujeitamento à linguagem, está linguagem que o constitui como já foi mencionado. Mais especificamente, Foucault trata do assujeitamento a ordem discursiva, ou seja, o sujeito não é propriamente um ente, um ser, seja ele animal, divino ou humano, mas tão somente um efeito discursivo. O sujeito é uma posição estrutural na cadeia discursiva e um efeito de discurso que não remete ao ser, mas talvez ao não ser. Há uma retirada da questão ontológica, questão essa que ocupou e ocupa boa parte da filosofia por longos anos; neste retirada, ocorre um processo de *des-ser*, na medida em que o sujeito deixa de ser para representar um lugar estrutural na cadeia do discurso. O sujeito não é um ser, mas um efeito discursivo na estrutura da linguagem. Aí, importa o discurso (linguagem) que constitui o sujeito.

Neste ponto, os sujeitos em Foucault e Lacan se aproximam, porque Lacan também irá considerar que o sujeito não é o ser, pois o caráter de identidade do ser não está nele mesmo, sua identidade não é positiva, mas relativa e dependente da relação que estabelece com outros significantes. Para Lacan (1988), o sujeito é aquilo que é representado pelo significante para outro significante, ou seja, o sujeito não é um ente, ele é tão somente uma representação do significante para um outro significante. Há uma relação de significante para significante, próprio da ordem languageira, em que o significante, como lhe é característico desde Saussure (2002), tem em sua função a representação. O significante apenas representa para outro significante, e estamos no simbólico mundo da linguagem e o que Foucault traz é o efeito discursivo da linguagem que constitui o sujeito. De modo que aí temos um sujeito representacional, que ocupa um lugar na linguagem, que é (e)feito de discurso. Lacan (2008, p. 35), por exemplo, chega a brincar com o público que assiste ao seu seminário dizendo: “[...] tudo o que vocês são fica no âmbito das consequências do discurso.”

No que tange a questão do discurso, os dois autores parecem comungar de preceitos convergentes. Para Lacan (1991), o discurso é aquilo que faz laço social, e no Seminário 16, Lacan (2008) aborda que o discurso institui um determinado campo de saber e sobre esse campo pode se estabelecer alguma prática, na medida em que este discurso proporciona tal prática. Dessa forma, poderíamos dizer que o discurso psicanalítico possibilita a prática da psicanálise, possibilita que a histérica, por exemplo, seja escutada no campo da histeria, e não como bruxaria ou possessão, como era entendida na idade média, e nem como fingimento ou dramatização, como era concebida no século XIX. Escutar a histérica no campo da histeria é possível através do discurso psicanalítico que institui, no plano simbólico da ordem do discurso, a própria histeria. A histeria, enquanto discursividade, que não se confunde com a possessão ou com o fingimento, surgiu com Freud que proporciona a instauração desse discurso. Lacan (2008, p. 33) traz um exemplo semelhante quando diz que “[...] é o discurso da física que determina o físico, e não o contrário. Nunca houve físico verdadeiro até que esse discurso prevalecesse. [...] Todo discurso se apresenta como prenhe de consequências, só que obscuras.”

Em Foucault (2004), o discurso diz respeito a um conjunto de enunciações, muito mais do que enunciados, que constituem um determinado saber. Foucault se dedicou de maneira especial e com muito rigor na análise do discurso médico dos séculos XVII e XVIII, sobretudo aquele que trata da loucura. Em sua brilhante tese de doutorado, *História da*

*Loucura na idade clássica* (1993) faz uma dissecação da espinha dorsal de um discurso que instituiu a loucura como uma doença e da segregação do dito louco. Foucault também se dedica à investigação do discurso médico em *O nascimento da clínica* (1994); assim como também analisa o discurso das formas de poder e controle em *Vigiar e Punir* (1987) e *Microfísica do Poder* (1979). O ponto central para os nossos estudos é levar em consideração que a noção de discurso em Foucault é o que possibilita uma análise contundente e radical de práticas, sejam elas médicas, psiquiátricas ou jurídicas, que instituem saberes. O discurso, para Foucault, não é simplesmente um exercício de linguagem em que estaria em jogo o plano linguístico da língua, mas ele vai se ater nas formas e condições que o discurso opera e como esse discurso constitui saberes que se estabelecem, muitas vezes, de forma homogênea e hegemônica, num escopo em que aquele discurso é tomado como verdade universal, uma vez que, a rigor, nenhum discurso pode dizer a verdade.

Foucault promove um movimento que, com Derrida (1995), poderíamos dizer de desconstrução, que em nada deve ser confundido com destruição, mas sim desdobramentos que ao desconstruir um determinado discurso, mostra suas lacunas, suas incompletudes, assim como o *non sense* do discurso, e que por fim, demonstra o quanto é arbitrário esse discurso que tenta ser dominante. Foucault, neste sentido, promoveu uma operação arqueológica sobre o discurso, historicizando seus elementos e fragmentos, contribuindo para a construção de uma arqueologia do saber, no melhor espírito nietzschiano de uma vontade de potência, que pulsa com força e poder.

Nesta chave do discurso é que Foucault (1999) também analisa a sexualidade. Em um conjunto de ensaios, Foucault (1999) aborda a questão da sexualidade de forma a promover um percurso pela história das práticas e discursos da sexualidade. Foucault não desenvolve uma teoria da sexualidade, tal como faz Freud, mas uma reflexão crítica e substanciosa em torno das práticas e dos dizeres sobre a sexualidade. Aliás, é importante fazer a observação de que Foucault não elabora nenhuma teoria, suas obras não formam um conjunto harmônico de textos que conduzem a uma construção teórica sobre um determinado assunto ou mesmo sobre um determinado tema ou ponto epistemológico. Foucault é, antes de tudo, um pensador crítico que analisa diversos temas como sexualidade, loucura, poder, autoria, sob um ponto de vista discursivo de modo a promover uma reflexão criteriosa sobre esses temas, mas ele não constrói uma teoria, seu pensamento não é focado em um único ponto e sobre esse ponto edifica uma teoria amarrada, com um desenvolvimento progressivo e ascendente. Suas obras representam o contrário, um pensamento que mostra uma poderosa força centrífuga que se dissemina por mil vertentes epistêmicas e com raios que incidem radicalmente sobre diversos assuntos de modo a promover uma infecção num determinado saber já constituído e transformar esse saber em uma outra coisa. Dessa forma, não é uma preocupação de Foucault estabelecer uma teoria sobre a sexualidade, mas antes de tudo uma crítica as teorias da sexualidade.

Divergente e diferentemente de Foucault, a Psicanálise construiu uma teoria sobre a sexualidade, uma teoria que tenta dar conta do que se passa na clínica. A teoria da sexualidade em Psicanálise é um arcabouço conceitual sobre aquilo que se passa na escuta de analisantes. É fundamental escutar o que se passa na clínica para poder construir essa teoria da sexualidade. Na Psicanálise, não há uma análise de discursos sobre a sexualidade, mas a construção de um discurso sobre a sexualidade no intuito desse discurso ser um operador na prática clínica. Não é a tentativa de fazer um discurso hegemônico ou em alguma medida dominador, mas unicamente promover um discurso sobre a sexualidade para proporcionar uma operação sobre a própria sexualidade no sujeito e com isso trabalhar clinicamente as mazelas e sofrimentos do sujeito no que se refere à sexualidade. Nesse ponto então, encontramos divergências tanto na postura de Lacan e Foucault — na medida em que um

constrói ou reconstrói uma teoria e um discurso sobre a sexualidade, e o outro analisa criticamente esse discurso — quanto no ponto como cada autor concebe o que seja a sexualidade.

Para finalizar, podemos apontar que há tanto divergências, entre Foucault e Lacan, quanto convergências; e que este ensaio é uma tentativa de situar alguns fragmentos do pensamento de um e de outro autor, sem ter necessariamente uma definição clara e objetiva das obras desses autores. Trata-se de uma reflexão, todavia parcial, acerca de possíveis diálogos que se pode estabelecer entre esses dois grandes intelectuais da contemporaneidade, salvaguardando seus elementos, seus rudimentos, seus pontos específicos. Cabe dizer que Lacan e Foucault traçam concepções que se aproximam e se afastam, num movimento pendular que mostra o percurso e o percalço da riqueza do pensamento estruturalista, se é que podemos dizer assim, e do qual somos herdeiros do espólio que nos foi destinado.

### Referências

- CERTEAU, Michel de. Utopias Vocales: glossolalies. *Revue Traverses: la voix, l'écoute*, n. 20, p. 26-37, 1980.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A Ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. São Paulo, SP: Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1994.
- \_\_\_\_\_. *História da Loucura: na idade clássica*. São Paulo, SP: perspectiva, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1979.
- LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Le Séminaire, Livre 23: le sinthome*. Paris: Seuil, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Le Séminaire, Livre 17: l'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Le savoir du psychanalyste. Entretiens de Sainte-Anne*. Classe de 04/11/1971, versão Chollet, inédita.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.